

Os cinemas estão fechando

EXIBIDORES, DIRETORES E A EMBRAFILME DEBATEM A (GRAVE) CRISE

Os cinemas estão fechando em todo o país e os dados são alarmantes: enquanto os Estados Unidos têm mais de 30 mil salas e a União Soviética mais de 100 mil, o Brasil, também de dimensões continentais, não chega a ter duas mil. Um problema complexo que não pode ser creditado apenas à maior penetração da televisão e à crise econômica, que inviabilizaria a manutenção de muitas dessas salas. Para debater o problema e a situação da exibição cinematográfica em Brasília, o CORREIO BRAZILIENSE reuniu, em mesa-redonda, os exibidores Jaime Tavares, da São Paulo-Minas, Deusdeth Burlamaqui, da Sá Pinto, e Carim Nabut; o representante da Embrafilm e do Concine, Dario Corrêa; e os realizadores Vladimir Carvalho e Geraldo Sobral. A repórter especial Maria do Rosário Caetano coordenou os debates.

CORREIO: Para começar, sugerimos que cada debatedor apresente um quadro panorâmico da questão do fechamento de salas e a propalada crise da indústria da exibição cinematográfica:

Jaime Tavares: A situação é a seguinte: os cinemas, de um modo geral, no Brasil todo, encontram-se em situação de caos total. Há um declínio de freqüência, aliado aos altos custos impostos pelas autoridades, custos estes que estão diminuindo a liquidez do próprio exibidor. Este se vê impedido de fazer novos investimentos e consequentemente de aumentar o número de salas. Atualmente, no Brasil, segundo informações fornecidas pelo nosso Sindicato, encontram-se em funcionamento 1988 salas, de um número aproximado de três mil cinemas existentes há cinco anos. Deparamo-nos, então, com uma média de fechamento de 200 cinemas/ano.

Carim: Acredito que o problema do cinema brasileiro é mais conjuntural do que estrutural, é mais de caixa do que de ideias. É um problema mais de recursos do que propriamente de soluções. Soluções, todos nós temos para aquilo que estamos vivendo. Tenho, através da imprensa, externado os problemas que já aventamos sobre as nossas dificuldades. Gostaria de salientar, e que ficasse bem claro, que eu sou totalmente a favor do cinema brasileiro. Se eu pudesse e contasse com número suficiente, só exibiria nos meus cinemas filmes brasileiros, assim como gosto de ouvir a música popular brasileira. Mas, infelizmente, serei obrigado a fazer determinadas colocações e gostaria que essas colocações, na hora da verdade, elas não fossem interpretadas como vindas de uma pessoa radical contra o cinema brasileiro. Muito pelo contrário.

O complexo cinematográfico, para ter uma boa sobrevivência, deve se apoiar num tripé: produção, distribuição e exibição. Qualquer fortalecimento de um dos elementos do tripé ou enfraquecimento de outros, fará ruir esta estrutura cinematográfica. Quando digo que o problema do cinema em si, e hoje nós estamos vendo diante dos olhos aquilo que há quatro anos eu estava sempre denunciando e chamando, para que se procurasse uma solução, que nós chegariam a esse caos que ora atravessamos. Prego a união de esforços entre Embrafilm, Concine e exibidores, pois se nos estamos dentro de uma atividade, e se essa atividade é conexa entre essas três forças atuantes, deve-se ao encarar qualquer dificuldade buscar a união entre as partes, a fim de que se possa encontrar o caminho verdadeiro para a salvação. Existem resoluções do Concine que na época foram oportunas, hoje elas não podem, de forma nenhuma, ser atuantes, pois não dão ao cinema condições de sobrevivência.

Nós e o Jaime citou dados estatísticos, que em 1978 tínhamos 3 mil cinemas, hoje temos 1800, 1900. Acredito que se nós não tomarmos uma posição séria, honesta e usar da verdade, fatalmente, dentro de muito pouco tempo não teremos cinema nenhum neste País.

Deusdeth Burlamaqui: - Ja foram feitas várias colocações aqui pelo Jaime e pelo Nabut que não vou repetir. Elas são autênticas, verdadeiras, e eu endosso em gênero, número e grau. Também entendemos que deve haver o mais estreito entrosamento entre o tripé: produção, distribuição e exibição. Sabemos que a situação é perigilante, é difícil. Entendo, que dentro de pouco tempo, mas de muito pouco tempo, dentro de um ano talvez, a exibição do cinema nacional chegará ao fim. Há pouco tempo, dei entrevista ao CORREIO BRAZILIENSE, e afirmei que só dois cinemas conseguiram sobreviver em Brasília: exigei? Não! Fui ate condescendente. Na realidade, no nosso entendimento, só um tem condições de sobrevivência. (O exibidor refere-se ao Cine Atlântida). Os demais, face aos fatos que já foram enumerados, não têm condições de continuar. Eu só estou funcionando este mês, gracias a uma liminar. Os encargos são de tal ordem que estão insuportáveis. Lá, no Conjunto Nacional, por exemplo, a coisa está proibitiva. O condomínio é cem por cento mais caro que o aluguel do imóvel. Isso é um absurdo, não há cabeça humana, por mais irracional, que seja que possa admitir tamanha violação. Então, entrei com uma liminar e estou pagando ainda pelo preço de dois meses atrás. Outro fator que foi muito propriamente lembrado aqui é o da energia elétrica. Em todos as unidades da Federação, a energia elétrica que se consume no cinema é paga pela tabela de custo industrial. Somente em Brasília, e fiz pesquisa so-

CORREIO: Sabemos que das 1.988 salas em operação no país, apenas 750 são viáveis economicamente. Por quê?

Dario Corrêa: - Vou chegar lá. Quero deixar claro que não podemos analisar o problema com simplicidade, pois ele é muito complexo. Temos que considerar fatores como a penetração das redes de TV pelo interior do país, a migração urbana, etc. O fechamento de cinemas, para nós, decorre de alguns fatores básicos: o novo posicionamento dos circuitos exibidores que concentraram sua atuação nos médios e grandes centros, abandonando totalmente o interior; a reformulação da política de atuação das empresas distribuidoras estrangeiras, que constitui aquilo que chamei de **cartelismo**; a diminuição da oferta de empregos no país gerada pela crise econômica; a queda na produção nacional de filmes baratos, tipo os da Boca do Lixo; a redução da importação de filmes estrangeiros pelos pequenos distribuidores e os altos custos de comercialização. Com relação à qualidade das salas, temos que radiografar o quadro atual que se nos apresenta. As salas operam com equipamento antigo e nossos técnicos, outrora altamente especializados, não querem, hoje, saber de recuperar os equipamentos existentes. O problema é tão grave, que nos resta perguntar: como pode um pequeno exibidor ou mesmo um grande circuito, numa faixa de baixa rentabilidade, investir na manutenção de uma sala, se não há peças no mercado, e os seus projetores estão totalmente metamorfoseados, com peças de aparelhos totalmente diferentes? Em síntese, há que se dizer que nos não contamos com desenvolvimento de tecnologia adequada à recuperação das cabines existentes. Como resolver este quadro alarmante que se nos apresenta com o fechamento de cinemas? Ninguém pode cruzar os braços e esperar que a Embrafilm e o Concine tirem a solução do bolso. O problema só será resolvido se todos — exibidores, produtores, Governo, sociedade civil e a imprensa — se unirem em busca de soluções comuns. Os exibidores estão trazendo dados específicos para a discussão pública, e isso é ótimo. Sobre questões como altos custos de condomínio, energia elétrica com preços domésticos e não industriais, alto ISS, temos que buscar soluções rápidas. Estou sabendo que foi inaugurado em Brasília um novo e enorme shopping center, e que nenhum cinema foi implantado no referido espaço. Ficamos a nos perguntar como, atualmente, se pode estabelecer um negócio, que é de movimento, sem ter um ponto cultural, uma sala de exibição cinematográfica? Quantos à reclamação do Burlamaqui em relação ao Conjunto Nacional, restamos sugerir que a administração destine centro de compras estimula a existência de salas de espetáculo, pois elas funcionam como ponto de atração. Quer dizer, os lojistas deveriam arcar com um custo adicional na sua taxa porque os cinemas trazem gente. O cinema é um ponto de atração. Isso ai é verificável em qualquer shopping center do mundo. Estes são alguns dados que eu queria trazer, acentuando que o fechamento de cinemas está ocorrendo, principalmente no interior, em função da **cartelização** da distribuição.

Hoje, temos apenas três distribuidores no país: a Embrafilm e duas multinacionais. Quer dizer, o pequeno distribuidor, aquele que iria suprir o pequeno circuito, dando condições de concorrência dentro do mercado, não existe mais. Ele foi inteiramente absorvido no mercado, e

Nós sabemos disso, mas o que nos convém é que a sala esteja lotada. Porque se a sala está lotada, evidentemente, entrou algum dinheiro, se entrou algum dinheiro o prejuízo diminuiu. Fora os encargos oriundos de taxas e impostos que já foram demasiadamente abordados aqui, ainda existe este agravante. Então, parece-me que não se atentou para esse detalhe, para essa peculiaridade de Brasília. As carteirinhas falsas, por mais paradoxal que pareça, não eram prejudiciais ao cinema. E por que não? Porque o frequentador, o portador daquela carteirinha entra no cinema pagando meio ingresso. O que não é bom é as casas ficarem completamente vazias, porque houve o problema que todos já conhecem da Resolução que manda se vender ingresso mala só às quartas-feiras e nas sessões vespertinas.

Dario: Quero somar as preocupações da Embrafilm e Concine às preocupações dos exibidores, pois



Da esquerda para a direita, Burlamaqui, Carim, Jaime, Rosário, Vladimir, Sobral e Dário: a exibição em debate na redação do CORREIO

nós todos estamos atentos ao decréscimo do número de cinemas e à consequente deterioração da qualidade das salas. Neste momento, o problema mais grave ocorre no terminal do processo: a sala de exibição. Hoje, com a **cartelização** da distribuição cinematográfica, os exibidores do interior não conseguem filmes para exibir; a não ser os da Embrafilm. Segundo nossas previsões, se daqui a cinco anos a situação não mudar, chegaremos ao ano de 1988, com apenas 700 cinemas. Quero citar alguns dados recentes que mostram como é crítica a questão do fechamento de salas no Brasil: no estado do Paraná, nos últimos cinco anos, o número caiu de 372 salas para 136. Um decréscimo de 62%. Outra queda alta verificou-se no Rio Grande do Sul, onde foram fechadas 35% das salas. Na Bahia, o número é semelhante. Em Minas, o percentual de fechamento é de 29%, em São Paulo, de 21% e no Rio, de 17%.

CORREIO: Sabemos que das 1.988 salas em operação no país, apenas 750 são viáveis economicamente. Por quê?

Dario Corrêa: - Vou chegar lá. Quero deixar claro que não podemos analisar o problema com simplicidade, pois ele é muito complexo. Temos que considerar fatores como a penetração das redes de TV pelo interior do país, a migração urbana, etc. O fechamento de cinemas, para nós, decorre de alguns fatores básicos: o novo posicionamento dos circuitos exibidores que concentraram sua atuação nos médios e grandes centros, abandonando totalmente o interior; a reformulação da política de atuação das empresas distribuidoras estrangeiras, que constitui aquilo que chamei de **cartelismo**; a diminuição da oferta de empregos no país gerada pela crise econômica; a queda na produção nacional de filmes baratos, tipo os da Boca do Lixo; a redução da importação de filmes estrangeiros pelos pequenos distribuidores e os altos custos de comercialização. Com relação à qualidade das salas, temos que radiografar o quadro atual que se nos apresenta. As salas operam com equipamento antigo e nossos técnicos, outrora altamente especializados, não querem, hoje, saber de recuperar os equipamentos existentes. O problema é tão grave, que nos resta perguntar: como pode um pequeno exibidor ou mesmo um grande circuito, numa faixa de baixa rentabilidade, investir na manutenção de uma sala, se não há peças no mercado, e os seus projetores estão totalmente metamorfoseados, com peças de aparelhos totalmente diferentes? Em síntese, há que se dizer que nos não contamos com desenvolvimento de tecnologia adequada à recuperação das cabines existentes. Como resolver este quadro alarmante que se nos apresenta com o fechamento de cinemas? Ninguém pode cruzar os braços e esperar que a Embrafilm e o Concine tirem a solução do bolso. O problema só será resolvido se todos — exibidores, produtores, Governo, sociedade civil e a imprensa — se unirem em busca de soluções comuns. Os exibidores estão trazendo dados específicos para a discussão pública, e isso é ótimo. Sobre questões como altos custos de condomínio, energia elétrica com preços domésticos e não industriais, alto ISS, temos que buscar soluções rápidas. Estou sabendo que foi inaugurado em Brasília um novo e enorme shopping center, e que nenhum cinema foi implantado no referido espaço. Ficamos a nos perguntar como, atualmente, se pode estabelecer um negócio, que é de movimento, sem ter um ponto cultural, uma sala de exibição cinematográfica? Quantos à reclamação do Burlamaqui em relação ao Conjunto Nacional, restamos sugerir que a administração destine centro de compras estimula a existência de salas de espetáculo, pois elas funcionam como ponto de atração. Quer dizer, os lojistas deveriam arcar com um custo adicional na sua taxa porque os cinemas trazem gente. O cinema é um ponto de atração. Isso ai é verificável em qualquer shopping center do mundo. Estes são alguns dados que eu queria trazer, acentuando que o fechamento de cinemas está ocorrendo, principalmente no interior, em função da **cartelização** da distribuição.

Hoje, temos apenas três distribuidores no país: a Embrafilm e duas multinacionais. Quer dizer, o pequeno distribuidor, aquele que iria suprir o pequeno circuito, dando condições de concorrência dentro do mercado, não existe mais. Ele foi inteiramente absorvido no mercado, e

esta questão se insere dentro de uma problemática maior, que transcende até a economia.

Geraldo Sobral: - Acho que esta discussão deve partir de uma constatação mais ampla: a crise do negócio cinematográfico em Brasília reflete a crise do negócio cinematográfico a nível internacional. Cabe tal-

Jaime Tavares: "Os exibidores brasileiros estão atuando num mercado que vive um caos total. Há cinco anos, tínhamos três mil salas. Hoje, temos apenas 1988".

vez detectar as razões e me parece que a principal delas está no fato de que os meios de divertimento eletrônicos fizeram com que o público, de 30 anos para cá, fosse sensivelmente diminuído, principalmente pela TV. Lá há 15 anos entrevistava de um ator de renome internacional que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na tentativa de reagrupar o público cinematográfico. Há então uma evidente crise internacional, que dizia: daqui a um tempo, para se ir ao cinema, vamos ter que vestir smoking, como quem vai à ópera. Um realizador, do prestígio de um Roberto Rossellini, por exemplo, dizia 25 anos atrás, que o cinema estava à morte. O mesmo discurso foi repetido agora no Festival de Veneza pelo François Truffaut. O Rossellini justificava dizendo que os grandes filmes foram feitos há trinta anos. Realmente, os grandes filmes daquela década são bastante superiores aos grandes filmes de hoje. Também, em termos comerciais, verificamos que as grandes produtoras internacionais estão partindo para promoções diversificadas, na